

Restolho

Saber Perdoar

Olho para o meu Farp à janela e a sua imagem, o seu corpo, posso dizê-lo, comove-me. O animal não revela o mínimo de agressividade para com ninguém. Há problemas a resolver, pessoas a resolver. Por isso perdoo. Nem que seja só hoje, para me reconciliar comigo mesmo. Não que seja trouxa, como muitos cuja soberba e sofreguidão se revelam na ostentação e num certo rubor de loucura mais ou menos mediática...

Ele consegue estar empoleirado ao sol, no parapeito da janela da sala de estar. Se quisesse saltar, se fosse suicida, se o ambiente fosse assim tão mau em casa, ele já tinha saltado. Apenas quer liberdade e saiba que não é particularmente a combinação entre libertinagem e liberdade, para além da comida. Sabe que “preso” pode comer mais e, digamos, ter uma bela vida. Até porque a TV está quase sempre ligada. Mas por vezes está desligada e oiço os sons da cidade bem como os da minha consciência... Já agora, “ele” é um adorável gatinho preto e branco...

De facto, estamos a um passo de perdoar a todos, a toda a a gente, porque sentimos a finitude na nossa pele, nos nossos ossos e o nosso orgulho e impudicícia já não fazem sentido, porque sabemos que estamos sempre a insistir no mesmo, a bater o pé, a enganar-nos a nós mesmo sobre a verdade e a ilusão, a justiça e a compreensão, o talento versus a procrastinação...

Sim, perdoo àquele que me chama diversos nomes, é antipático porque nada está bem para com ele e à outra que me chama de bebé e àquele que me chama de secretário, ou seja, ter pressa para ter entre curso sexual com uma mulher. Não dou justificações a mim mesmo, aliás, acho que a minha caridade e apostolado é residente do sentimento de que estamos demasiado fartos de nós mesmo e do nosso egoísmo. Se sou narcisista? Claro, e mesmo que engraçado, não perco horas em frente ao espelho. E o tempo passa. Aqui há dias estava mais entusiasmado. Agora perdoo e volto a estar bem comigo mesmo e com os outros. E miúda gira de lilás escapou-se-me mas ainda a verei de novo. Senti grande atração por ela. A certo ponto, entendes que as pessoas gostam de ti, só que nem todas o dão a entender, é assim que nascem e se processam as coisas no teu espaço social, pois dás um cunho subjetivo à tua realidade, mesmo que sejas cientista social atuando num

determinado contexto. É coisa que nunca se esquece. Perdoas aos que não gostam de ti na aldeia, sabendo que afinal têm alguma inveja de ti, mesmo que não sejas engenheiro nem estejas propenso a um júízo e valor técnico, tens outras formas de ostentação e resolução de valores, de problemas, de equações...

Victor Mota